

SEGUINDO A CAMINHADA

A vivência nesses territórios tem, como todo o percurso de um ano de pesquisa, nos colocado algumas questões fundamentais. Como colocar a pesquisa e investigação a serviço da militância? Como comunicar os saberes e conhecimentos que são produzidos coletivamente por nós mulheres?

São muitas as questões. Quando pensamos no encerramento desse primeiro ciclo, a tarefa de sistematizar o que já produzimos, vivenciamos, construímos e desconstruímos se impõe. Pensar em como documentar nossas descobertas, discussões e acúmulos e construir estratégias de comunicação para fortalecer nossa atuação política também está na pauta do dia. Na segunda etapa que se inicia, a pesquisa de campo propriamente dita nos convoca. Perguntamo-nos: que mapas nos interessa construir? Que métodos, técnicas e reflexões nos guiarão nesta caminhada coletiva?

Ficam as questões. Até a próxima!

** Esse boletim foi feito coletivamente pela Coletiva de militância investigativa da Zona Oeste e colaboradoras.

Edição e finalização: Iara Moura e Marina Praça (Pacs)
Projeto gráfico e diagramação: Ana Almeida
Coordenação: Joana Emmerick



MILITÂNCIA INVESTIGATIVA

Território, conflitos socioambientais e alternativas na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Pesquisa militante ou militância investigativa?

Por que, por vezes, o fazer acadêmico parece tão afastado do fazer cotidiano? É possível fazer pesquisa a partir dos saberes e do conhecimento que construímos dia a dia na lida com a terra, com a casa, com o nosso corpo, nosso território e na vivência com outras mulheres? Como sistematizamos os saberes e os conhecimentos de nosso dia a dia e os transformamos em instrumentos de análise e luta? Essas questões não apareceram pra gente da noite para o dia. Elas foram se anunciando à medida que nos encontramos motivadas a levar adiante o que chamamos de um mapeamento coletivo das ameaças e conflitos socioambientais na zona oeste do Rio de Janeiro, a partir das vivências, dos olhares e das práticas das mulheres.

Quem somos?

Somos **mulheres** de diversas idades, origens e profissões. Moradoras e militantes na **Zona Oeste** do Rio de Janeiro, território donde brotam muitas **resistências** em resposta às ameaças impostas pelo capital e pelo Estado em nome de um **modelo de desenvolvimento que explora e esgota o bem comum e a nossos trabalhos, vidas e corpos.**

Nesta região da cidade, estão presentes conflitos de tantas ordens que sentimos necessidade de construir ferramentas e olhares de nós mulheres, feministas, sobre estas realidades que tem implicações diretas na nossa vida cotidiana.

Por meio de práticas e reflexões conjuntas nos reunimos com o intuito de mapear os conflitos socioambientais e as alternativas insurgentes nos nossos territórios. Destacamos e defendemos o protagonismo das mulheres nos espaços de luta e de pesquisa, espaços esses, que, para nós, são confluentes como as águas, que ganham força quando se encontram.

Muito prazer.



NOSSOS CAMINHOS

Ao longo de 2015 e do primeiro semestre de 2016, tivemos algumas reuniões, atos e caravanas. Em junho de 2016, realizamos o Seminário Corpo, conhecimento e conflitos: resistências feministas e territórios em disputa para discutir juntas essas questões, refletir sobre até onde fomos e apontar caminhos para seguir.

Em dois dias de discussão, 16 e 17 de junho de 2016, conversamos sobre ameaças e conflitos socioambientais na América Latina e especificamente na Zona Oeste e sobre pesquisa militante. Refletimos juntas a partir do Teatro das Oprimidas como o machismo e o patriarcado se manifestam em nosso cotidiano. Vivenciamos circularmente o olhar profundo e o entendimento do corpo como nosso primeiro território (também em disputa!). Fizemos ainda uma oficina de mapeamento na qual, divididas em nossos lugares de atuação, buscamos apontar por meio de cartografias os conflitos que nos interpelam dia a dia nos arredores da Baía de Sepetiba e do Maciço da Pedra Branca.

Apontamos a poluição gerada pelas grandes indústrias, os espaços de violência que obstruem nosso livre circular pelas ruas, as ameaças sobre os rios, manguezais, áreas verdes, casas e quintais. Mas, além das ameaças, localizamos também nossas estratégias cotidianas de resistência e de construção de alternativas a esse sistema socioeconômico: as redes de autocuidado e auto-organização de mulheres, os quintais onde plantamos e colhemos, as nossas intervenções e atos públicos pela cidade, os lugares de encontro, dentre outros. Neste boletim, compartilhamos algumas das reflexões geradas nesse primeiro ciclo da nossa militância pesquisadora. Boa leitura!

Caravanas territoriais: aprendendo com o movimento de agroecologia

Ao longo de 2015 fizemos três caravanas. Essa é uma forma de militância investigativa desde os territórios que aprendemos com o movimento de agroecologia. Consiste em percorrer em comboio, aprendendo das experiências e fortalecendo as articulações e redes que atuam nesses territórios. A primeira caravana territorial aconteceu em Campo Grande e Pedra de Guaratiba no dia 25 de julho de 2015, dia da Mulher Negra Latino Americana e caribenha.

Em outra ocasião, fizemos um recorrido na Baía de Sepetiba, junto com um grupo que compõe a Articulação Internacional dos Atingidos e atingidas pela Vale. A nossa terceira caravana aconteceu na ida ao Quilombo Cafundá Astrogilda, no dia da consciência negra, 20 de novembro, caminhamos pela vertente do Maciço da Pedra Branca onde se situa o quilombo e participamos de uma celebração de luta contra a ameaça de remoção da população dali. Documentamos essas caravanas em vídeo. Acompanhe: <https://www.youtube.com/watch?v=ZYvmjxtbzRQ>

[https://www.youtube.com/watch?v=ZyvmjxtbzRQ](https://www.youtube.com/watch?v=ZYvmjxtbzRQ)

NOSSAS REFLEXÕES

O protagonismo das mulheres nas lutas na América Latina

A partir do intuitivo que brota da nossa prática diária já havíamos notado a presença forte e constante de nós mulheres nos territórios de resistência. Com as caravanas, a impressão foi se fortificando. Quando soubemos da história de Berta Cáceres, ativista hondurenha do povo Lenca, assinada em março de 2016, podemos pensar esse protagonismo das mulheres no âmbito das lutas latino-americanas. Pela sua atuação política, dizemos que Berta foi uma vítima de feminicídio.

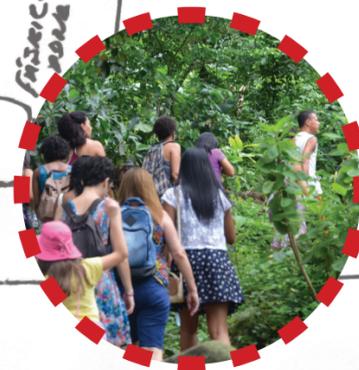
Vivemos hoje no continente, e desde mais de 500 anos, em luta e resistência à colonização. Na Zona Oeste do Rio de Janeiro, vivemos esse processo de resistência atualmente por conta dos vários conflitos decorrentes da instalação do Porto de Sepetiba e da maior siderúrgica da América Latina, a Thyssenkrupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA) na Baía de Sepetiba. Além disso, esse foi um território altamente impactado pela realização dos megaeventos esportivos: Pan, Copa do Mundo e Olimpíadas, que trazem consigo a especulação imobiliária.

Associado a essa apropriação territorial por grandes interesses privados, da disputa pelos bens comuns, a gente vivencia atualmente um processo intenso de militarização. Hoje, há a militarização do cotidiano que atinge principalmente a vida e os corpos das mulheres. Como os conflitos socioambientais impactam especificamente a vida de nós mulheres? Eles nos afetam de maneira diferenciada?

NOSSO CORPO, NOSSO TERRITÓRIO

A resistência na defesa de nossos territórios se faz presente na luta pela terra, em defesa das nossas roças, hortas, casas, quintais, cidade, mas também se conforma em intensa luta pela autonomia e proteção de nosso primeiro território: o corpo. Recuperemos a memória de Berta Cáceres. Líder política de seu povo contra o neoliberalismo, Berta sempre ressaltou que o avanço do capital é também sexista, racista e patriarcal. Ou seja, além da exploração do nosso trabalho, da apropriação privada da riqueza e dos bens comuns, avança também o racismo que tenta subjugar os povos negros e não brancos. Berta sempre apontava que o capital tenta tornar tudo mercadoria, inclusive nossos corpos.

Nos conflitos ambientais, os nossos corpos, das mulheres negras, indígenas, quilombolas, periféricas, são entendidos como corpos a serem conquistados, apropriados ou subjugados. Consideram que não temos história, que não temos cultura e se temos é uma cultura que deve ser superada, enquanto, ao mesmo tempo, se apropriam de nossas formas de vida e de nossas vidas. Nas enchentes geradas pelas barragens, por exemplo, isso implica processos graves de sofrimento porque não se perde só as coisas, os objetos, mas os afetos, a memória e a história individual e coletiva.



CARTOGRAFIAS POLÍTICO-AFETIVAS: DOS TERRITÓRIOS BROTAM ALTERNATIVAS

A Prefeitura do Rio de Janeiro, associada aos interesses das empreiteiras, prepara um Plano de Estruturação Urbana (Peu) para a região das Vargens (Vargem Grande e Pequena, Camorim e parte do Recreio, além de um pequeno trecho da Barra e de Jacarepaguá), o que representa cerca de 24% do município. Tendo em vista o histórico do Porto Maravilha e das obras do BRT, a pergunta que fica é: a que interesses servirão as ações da prefeitura, Odebrecht e Queiroz Galvão neste território?

Em alternativa ao Peu, a população das Vargens está construindo uma articulação, protagonizada por mulheres, para elaborar um Plano Popular para a região. Essa parte da cidade vem sendo atingida historicamente pela especulação imobiliária e por ameaças decorrentes da realização dos megaeventos. Para resistir a essas ameaças, a população de Vila Autódromo, comunidade vizinha, organizou um Plano Popular que inspira a articulação em Vargens.

Do outro lado do Maciço da Pedra Branca, em Campo Grande, as mulheres vêm se organizando pra denunciar e combater o patriarcado, o racismo, a violência contra a mulher e lutar por saúde, segurança e soberanialimentar, dentre outros direitos. Neste território o inchaço populacional e a presença de pedreiras têm enorme impacto nas nossas vidas.

Em Santa Cruz, região de origem agrícola que foi convertida desde os anos 1970 em polo industrial, a poluição e a interrupção do modo de vida de comunidades tradicionais como agricultoras, agricultores, pescadoras, pescadores e marisqueiras marca o dia a dia de quem disputa o quintal, o rio e o asfalto com indústrias pesadas, dentre elas a TKCSA.

